

## ***Across Lens e o mundo maciço***

Bete Gouveia  
Curadora

As fotografias de João Lobo, nesse momento, enfrentam um mundo maciço. Trata-se de um mundo trivial, sem importância aparente, povoado de sobreposições desinteressantes, provenientes dos espaços urbanos comuns, embrutecidos e de raça profundidade.

Nesses lugares, caóticos por natureza, a noção de tempo parece desautorizar a contemplação do olhar, dada a velocidade dos deslocamentos das ações que nele acontecem.

Esses dois aspectos - espaço e tempo - portanto, parecem desafiar os propósitos do olhar desse fotógrafo, que age nos intervalos entre cada instante na tentativa de reduzir seu movimento e assim prolongá-lo para incutir nesse mesmo fragmento de tempo, um pouco de humanidade.

Esses intervalos servem para desvelar e seccionar um mundo do outro: o trivial do não-trivial, porque são carregados de uma matéria sensível que transborda e invade a imagem resultante. Porque o mundo maciço e o mundo sutil das percepções mais refinadas coexistem, e esse embate gera abstrações provenientes das intersecções entre as duas matérias antagônicas.

Ao desvelar esses mundos, o olhar do observador se adentrará por um universo repleto de sombras contrastantes e brumas diáfanas, onde a ausência de luz é presença constante, e o congelamento das imagens parecem inexistentes.

Mas, entre o olhar do fotógrafo e os disparos da sua câmera, também existem outros intervalos, desta vez longos, que poderão durar dias, meses, anos..., uma vez que, ao se permitir alheio e ao mesmo tempo presente, João Lobo provoca em si contemplações e ações, tensões e relaxamentos, como requisitos necessários ao dificultoso embate que resolveu enfrentar no processo de realização de cada uma dessas imagens.

Nesse sentido, o espectador precisará se concentrar justamente nesses antagonismos, ou melhor, nessas lacunas. Só elas lhe concederão um passe para a revelação do que o mundo objetivo contém de oculto, de não percebido.